



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Questão Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social**

**Sub-eixo: Questão Urbana**

**FACES DO RACISMO NA CIDADE: UM OLHAR SOBRE O CONJUNTO CRUZADA SÃO  
SEBASTIÃO**

**LOHANA RIBEIRO CAMPOS<sup>1</sup>**

**RAFAEL SOARES GONÇALVES<sup>2</sup>**

**RESUMO**

O seguinte trabalho examina como o racismo estrutural impacta a população negra que reside no conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, no Leblon, bairro do Rio de Janeiro majoritariamente branco e com um dos m<sup>2</sup> mais caros da cidade. A pesquisa revela que o estigma atrelado ao conjunto, frequentemente associado à violência, é fruto do racismo presente na nossa sociedade, obrigando os moradores a criar estratégias de resistência contra as formas de discriminação.

**Palavras-chaves:** Racismo estrutural, segregação socioespacial, resistência social.

**RESUMEN**

El siguiente trabajo examina cómo el racismo estructural impacta a la población negra que reside en el conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, en Leblon, un barrio de Río de Janeiro majoritariamente blanco y con uno de los metros cuadrados más caros de la ciudad. La investigación revela que el estigma asociado al conjunto, frecuentemente relacionado con la violencia, es fruto del racismo presente en nuestra sociedad, obligando a los residentes a crear estrategias de resistencia contra las formas de discriminación.

**Palabras claves:** Racismo estructural, segregación socioespacial, resistencia.

**Introdução**

O seguinte trabalho examina como o racismo estrutural impacta a população negra que reside no conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, no Leblon, bairro do Rio de Janeiro

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

majoritariamente branco e com um dos m<sup>2</sup> mais caros da cidade. A pesquisa revela que o estigma atrelado ao conjunto, frequentemente associado à violência, é fruto do racismo presente na nossa sociedade, obrigando os moradores a criar estratégias de resistência contra as formas de discriminação.

O racismo é um elemento estrutural e estruturante da sociedade brasileira. O privilégio branco e, por consequência, a exclusão da população negra se manifestam como pilares do país. O racismo se materializa nas mais diversas formas de discriminação e violência direcionadas as populações não-brancas, sendo uma delas a segregação socioespacial, que define os locais de moradia da população negra para espaços distantes e/ou precários e sempre fortemente estigmatizados.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo central compreender as formas que o racismo, elemento determinante para o processo de estigmatização do lugar, impacta a vida dos moradores do conjunto habitacional Bairro São Sebastião, localizado no nobre bairro do Leblon, na Zona Sul carioca. Esse conjunto, mais conhecido simplesmente por Cruzada, é composto majoritariamente por uma população negra e está localizado em um dos bairros mais ricos e embranquecidos da cidade.<sup>3</sup>

No imaginário social descrito pela mídia sobre a Cruzada, existe uma forte associação desse espaço com o aumento da violência nos bairros vizinhos, culpabilizando os moradores por assaltos na região. Para compreender essa realidade, realizamos uma análise documental dos acervos digitais dos jornais O Globo e Extra.<sup>4</sup> Realizamos, ainda, entrevistas semiestruturadas com moradores pretos e pardos da Cruzada São Sebastião para compreender de que forma tais representações negativas sobre o conjunto impactam o cotidiano de suas vidas. Defendemos que o racismo se expressa como um elemento determinante para a estigmatização do lugar e, conseqüentemente, de seus moradores (Brum & Gomes, 2022).

Este artigo está estruturado em três partes principais. Analisamos, inicialmente, as remoções e as práticas segregacionistas no Rio de Janeiro, posteriormente identificamos as representações negativas associadas à Cruzada São Sebastião através dos jornais e dos relatos

<sup>3</sup> Sobre a racialização do espaço urbano carioca, ver o trabalho do geógrafo Hugo Gusmão. Ver: <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/568> (acesso em maio de 2024).

<sup>4</sup> Esses jornais pertencem ao mesmo grupo de mídia, mas o primeiro se volta mais para os estratos de renda superior, enquanto o segundo para um público de renda inferior.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

dos moradores entrevistados e, por fim, consideramos as formas de resistência adotadas pelos moradores frente as discriminações vivenciadas.

### **Remoções e práticas segregacionistas no Rio de Janeiro**

A escravização de africanos foi a base econômica do Brasil e definiu marcas profundas que perduram até hoje, através da naturalização das desigualdades e de práticas segregacionistas (Almeida, 2019; Schwarcz, 1993). As desigualdades sociais atuais possuem obviamente raízes históricas no passado escravista, constituindo, no contexto do capitalismo dependente, a *franja marginalizada*<sup>5</sup> de trabalhadores para a extração de mais-valia. Para Moura (1983), no período pós-abolição, a população negra enfrentou a mudança dos estereótipos racistas perpetuados pelo mito da democracia racial, difundida através de produções literárias e culturais que antes retratavam a ideia de submissão e obediência do “bom escravo” para justificar a sua escravização. Esses estereótipos passaram para a representação do “mau cidadão” para justificar as barreiras sociais enfrentadas pelo grupo. O autor argumenta que o “mau cidadão” não se limita à associação com a malandragem e ociosidade, também engloba aqueles que desafiavam o lugar de subalternidade e questionavam as barreiras sociais impostas ao seu grupo social.

A dominação ideológica<sup>6</sup> racista teve papel significativo na tentativa de apagar a memória étnica e a história do país a fim de impossibilitar a compreensão da origem das desigualdades sociais no contexto brasileiro ao desconsiderar a interligação entre a segregação de raça e classe social. (Moura, 1983; Sabino & Teles, 2021; Munanga, 2010). O mito da democracia racial foi responsável pela naturalização da segregação, discriminação e do racismo nas cidades e vem impactando diretamente na formação de identidade e na saúde mental da população negra (Oliveira, 2017). A consequência de naturalizar essas violências está na manutenção do privilégio da população branca em todos os aspectos da vida social.

Os estudos clássicos da sociologia urbana negligenciaram a segregação racial nas cidades brasileiras ao argumentarem sua inexistência por causa da ausência de leis abertamente segregacionistas, como ocorreu na África do Sul e nos Estados Unidos. No entanto, a

---

<sup>5</sup> O conceito de franja marginal é utilizado por Moura (1983) para explicar a posição da população negra no mercado de trabalho, empurrada para a situação de desemprego ou de “sub-emprego”, que atende a lógica de superexploração do capitalismo dependente.

<sup>6</sup> Normalmente as formas de propagar a ideologia racista se encontram nas instituições, forças estabelecidas e respeitadas na sociedade que sutilmente consolidam a supremacia branca e trazem impactos negativos para a população negra. Um exemplo é a mídia, composta por jornais, propagandas, novelas, é uma instituição que visa comunicar e influenciar a sociedade através da imposição de consensos e representações, que reforçam estereótipos e mantém hierarquias sociais. (Almeida, 2019; Silva, 2013)



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

complexidade do racismo no Brasil é tal que não foram necessárias normas legais para estabelecer um processo de separação racial. A segregação foi muito bem estruturada nas nossas relações e dificilmente pessoas brancas, pretas e pardas ocupam, vivem e se relacionam nos mesmos lugares, mesmas funções e com posições de igualdade, excepcionalmente em condições de pobreza (Oliveira, 2017). Se, em áreas populares, ainda é possível ver a coexistência de brancos e não-brancos, essa distinção racial é profundamente marcada em atividades ou espaços considerados de elite, como o bairro do Leblon, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Ao refletir sobre a história de segregação racial no Rio de Janeiro, compreendemos que a maioria das pessoas que habitava as favelas e cortiços fazia parte da população negra.<sup>7</sup> Assim, de certa forma, os estereótipos associados a essa população se manifestaram também nos seus locais de moradia (Campos, 2023; Brum & Gomes, 2022). À medida que as favelas começam a se expandir, elas passam a ser vistas como “um problema a ser resolvido” e seus moradores são rotulados como uma “classe perigosa” pela sociedade e pelo poder público. Discursos e mesmo intervenções são formuladas no intuito de promover a expulsão da população negra das áreas mais centrais, concentrando-as em áreas periféricas, onde já estavam segmentos mais pobres da sociedade (Panta, 2018; Oliveira, 2008; Lira, 1999; Rolnik, 1989). Assim, através do discurso higienista e eugenistas, cortiços foram destruídos e favelas situadas em áreas centrais passaram também a ser objetos de possíveis remoções.

Se o intuito de tais políticas eram erradicar as favelas para áreas periféricas, a fundação da organização católica Cruzada São Sebastião, em 1955, trouxe uma proposta distinta. Criada pelo então bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Helder Câmara, a Cruzada São Sebastião tinha o objetivo de urbanizar as favelas, produzindo moradias e equipamentos de infraestrutura.<sup>8</sup> Essa instituição foi responsável por construir o mencionado conjunto habitacional denominado inicialmente de Bairro São Sebastião, reassentando cerca de 910 famílias da favela da Praia do Pinto, localizada ao lado do conjunto. A intervenção, ao contrário de outras iniciativas, procurou construir moradias definitivas próximas à favela (Valladares, 2005; Simões, 2008; Gonçalves,

<sup>7</sup> Para Andreilino Campos (2005), as favelas surgem a partir da precariedade das políticas habitacionais e correspondem ao déficit habitacional, abrigando grande parte da classe trabalhadora. O autor também argumenta que o período pós-abolição resultou em um grande número de pessoas deixas à própria sorte e que encontraram nos morros e encostas um lugar para se estabelecer.

<sup>8</sup> Segundo Gonçalves (2016), a Cruzada São Sebastião passa a intervir em muitas favelas usando recursos adquiridos através de subvenções públicas concedidas pelo presidente Café Filho, doações pessoais e direitos concedidos pelo governo federal para aterragem e comercialização de terrenos pantanosos entre a Avenida Brasil e a Baía de Guanabara. Passou por várias mudanças ao longo dos anos de atuação nas favelas, mas perde influência após a eleição de Carlos Lacerda em 1960.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

2016) e, desde o início, foi alvo de muitas críticas por consolidar uma população negra e pobre em uma região de forte interesse imobiliário.

A construção dos prédios atendeu uma lógica da arquitetura moderna, composta por dez prédios de sete andares e apartamentos quitinetes de um ou dois quartos, de 24 m<sup>2</sup> a 36 m<sup>2</sup> e pátios largos no térreo como áreas de uso coletivo dos moradores.<sup>9</sup> A planta do conjunto habitacional previa também a construção de uma Igreja, creche, escola, um posto de saúde, centro social e um mercadinho para integrar os moradores ao bairro. (Slob, 2002)

Apesar do sucesso dessa iniciativa, a política empreendida nos anos 1960 e 1970, inicialmente pelo Governo da Guanabara e, posteriormente, pela ditadura militar se voltou na remoção das favelas nas áreas mais centrais, sobretudo daquelas no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas. A maior parte dos moradores foi removida para conjuntos habitacionais nas zonas Norte e Oeste da cidade (Brum, 2012). A intervenção do poder público nesse período resultou no maior processo de segregação socioespacial com a transferência da população de favela para conjuntos habitacionais distantes, desconsiderando suas relações sociabilidade e o acesso privilegiado que usufruíam dos bens e serviços de infraestrutura dos seus locais de moradia.

As remoções desse período expressam a ampliação do “estigma de favela”, ou seja, das representações negativas e dos estereótipos presentes no imaginário social referente a essas habitações e seus moradores, que não deixava obviamente de absorver representações e práticas racistas da nossa sociedade (Brum, 2013; Brum & Gomes, 2022).

No entanto, a partir do final da década de 1970, as favelas passam a se consolidar efetivamente no espaço urbano, inclusive com importantes políticas de urbanização desses espaços. Nesse contexto, a partir da Constituição Federal de 1988, a legislação urbanística confirma esse entendimento pela urbanização das favelas em detrimento da remoção empreendida anteriormente. No entanto, as representações negativas das favelas persistem, sobretudo diante do crescimento de conflitos armados pelo crescimento de grupos criminosos nesses espaços a partir dos anos de 1980. Por sua vez, o espectro da remoção, mesmo de forma mais pontual, prossegue como uma realidade concreta na vida dos moradores de favelas,

---

<sup>9</sup> Os moradores tornam-se proprietários de seus apartamentos após quinze anos de pagamentos de prestações, variando de 8 a 15% do salário mínimo da época, desde que cumprissem condições de não alugar, transferir ou modificar os imóveis sem a autorização da associação católica. E também de respeitar critérios e normas morais rigorosas impostas aos candidatos vindos da Favela da Praia do Pinto. (Gonçalves, 2016)

conforme foi possível observar durante a preparação da cidade para os grandes eventos durante a década de 2010.

### **“É pela cor, mas também é o lugar”: os rebatimentos do racismo no conjunto Cruzada São Sebastião**

A Cruzada São Sebastião sofre com uma forte representação negativa da mídia e dos moradores do Leblon, que o associam a uma “favela vertical encravada em uma das zonas mais cobiçadas da cidade.”<sup>10</sup> (Gonçalves, 2016, p. 227). Embora o conjunto não se enquadre na definição de favela, enfrenta impactos da representação depreciativa presente na mídia. No caso dos prédios da Cruzada, esse “estigma de favela” (Brum, 2012) diz respeito a história do conjunto, que recebeu os moradores da favela da Praia do Pinto e, principalmente, por ser um território com forte presença de população negra<sup>11</sup> remanescentes justamente dessa favela.

Ainda que os moradores da Cruzada não tenham sido segregados para áreas mais afastadas do centro da cidade, enfrentam, como analisaremos, uma espécie de “barreira urbana”<sup>12</sup> (Canegal, 2010), que os separa do restante do bairro. Essa separação entre os moradores da Cruzada e dos moradores restantes do Leblon manifesta ao mesmo tempo as diferenças socioeconômicas e raciais.

Em vista de compreender a dinâmica das relações sociais no bairro, mais especificamente as formas de representação do conjunto habitacional e seus impactos para a vida da população negra que ali reside, realizamos uma análise documental dos acervos digitais dos jornais O Globo e Extra nos últimos 20 anos<sup>13</sup> e entrevistamos moradores da Cruzada.<sup>14</sup> E foi possível perceber uma gradativa mudança na representação da Cruzada de “espaço de violência” para um “endereço residencial cobiçado” através das estratégias massivas dos jornais.

<sup>10</sup> Ver Valladares (2005) sobre a origem e construção social do termo favela.

<sup>11</sup> Brum & Gomes (2022) nos trazem dados sobre o Mapa Racial em Pontos criado pelo geógrafo Hugo Gusmão para demonstrar que, assim como as favelas da Zona Sul, a Cruzada São Sebastião está localizada em uma região cercada por uma população embranquecida e com o poder aquisitivo elevado. De acordo com seus gráficos, 83% da composição racial da Zona Sul do Rio de Janeiro, nos bairros de Leblon, Gávea, Jardim Botânico, Lagoa, Ipanema, Copacabana e Leme, são de pessoas brancas, 13% de pessoas pardas e 4% de pessoas negras.

<sup>12</sup> Para Canegal (2010), essa barreira é caracterizada por uma “proximidade física e um distanciamento social”.

<sup>13</sup> Para realizar a pesquisa, buscamos a palavra-chave “Cruzada São Sebastião” nos acervos digitais dos jornais O Globo e Extra nos últimos 20 anos. O artigo pretende dar ênfase no assunto que mais aparece nos jornais, apesar da pesquisa ter sido mais extensa.

<sup>14</sup> Elaboramos 3 questionários abertos para entrevistar 5 moradores (3 mulheres e 2 homens), a presidente da Associação de Moradores (AMORABASE) e o professor do projeto social Basquete Cruzada com os eixos temáticos “cotidiano”, “discriminação”, “mudanças no conjunto” e “formas de resistência”. As entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro de 2022 e janeiro de 2023.

Entre 2000 a 2009, ambos os jornais O Globo e Extra mostram uma maior incidência de matérias com assuntos relacionados à criminalidade, abordando a Cruzada como espaço “dominado pelo tráfico” e trazendo sistematicamente informações sobre operações policiais no conjunto. O período foi marcado pela intensificação do enfoque de assuntos jornalísticos vinculados a chamada “guerra às drogas” nas favelas e que possibilitaram o consenso público para uma ação enérgica por parte da polícia (Leite, 2012)

A repercussão dessas representações se manifesta sobretudo no teor das Cartas dos Leitores e no Editorial de Opinião do Jornal O Globo. Uma carta do mês de janeiro de 2000, por exemplo, com o título “No lugar errado”, ao trazer informações sobre um possível assalto no bairro do Leblon, afirma com convicção e de forma irônica que o assalto foi realizado por moradores da Cruzada São Sebastião, denominados de *malfeitores agressivos*.<sup>15</sup>

A carta nos desperta incômodo e nos possibilita formular as seguintes questões: Como aquele que escreveu a carta tinha a certeza do local de moradia das pessoas que realizaram o suposto assalto? Quais foram os critérios utilizados para determinar o endereço dessas pessoas? E a partir de qual teoria ele se apoia para considerar a origem daquilo que ele denomina como “*malfeitores agressivos*”?

Outra carta de um leitor, de setembro de 2005, intitulada “Rio Violento” relata um arrastão que supostamente ocorreu na praia de Ipanema e é como um lamento do tal “*cidadão-contribuinte-eleitor*”, evidenciando uma ideia conservadora de cidadania que estipula como condição primordial para alcançar o status de cidadão o mero ato de ser contribuinte (Gonçalves, 2016). A carta traz mais elementos para o debate quando ele relata saber o local de moradia dos responsáveis pelo acontecimento, demonstrando os rebatimentos do racismo para a população residente em favelas e habitações populares:

É inadmissível que meu direito de ir e vir em plena caminhada de um domingo ensolarado na Praia de Ipanema seja interrompido porque duas facções rivais de *pessoas que vivem à margem da sociedade* decidiram enfrentar-se, ou seja, a turma do Jacaré resolveu tirar onda com a galera **da Cruzada São Sebastião**, residentes da área, culminando em arrastão e agressão. [...] Impressionante como a ação dos *marginais, a maioria menores*, foi mais rápida que a reação dos policiais. Enquanto *cidadão-contribuinte-eleitor* (grifos nossos), analiso como sendo rotina normal ter reforço no policiamento na orla durante os fins de semana e não depois do constrangimento ser evidente. (“Rio Violento”, 13 de setembro de 2005, Matutina, Opinião, p. 6)

---

<sup>15</sup> Carta do Leitor do Jornal O Globo “No lugar errado”, 15 de Janeiro de 2000, Matutina, Opinião, p. 6



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Contudo, os anos que se seguem mostram uma mudança da cobertura dos jornais a respeito do conjunto habitacional. A partir de 2013, é evidente que há a presença de uma nova aposta midiática de valorização dos imóveis e, para lograr com essa realidade, é necessário investir no rompimento de reportagens sobre a chamada “guerra ao tráfico” e na diminuição de cartas dos leitores com aspectos discriminatórios. Podemos ver a forma que a mídia busca “ressignificar” o estigma e estereótipos relacionados à Cruzada através de reportagens informando a valorização dos imóveis (Silva, 2017).

Exemplificamos essa alteração através de uma reportagem do Jornal O Globo de 2013, com o título “Economia, eventos e UPPs reinventam os bairros do Rio” e subtítulo “Mudança no perfil da população faz imóveis em áreas degradadas, como a Cruzada São Sebastião, se valorizarem mais de 100%”<sup>16</sup>, que retratou uma mudança no perfil dos moradores e uma aposta num processo de “aburguesamento” do conjunto, mas ainda é possível observar a ideia do jornal em ressaltar o conjunto como lugar “apartado” do restante do bairro.

Ainda que os jornais tenham o objetivo de mudar as formas de representação sobre a Cruzada, identificamos nas falas dos moradores entrevistados os impactos das representações a respeito do conjunto habitacional, principalmente quando perguntamos sobre a forma que o restante do bairro enxergava a Cruzada São Sebastião:

“Acham que somos favelados por causa da cor e porque falam que somos bagunceiros e colocamos som alto, ou perturbamos o silêncio deles. Eu acho que aqui é uma comunidade, que é diferente. Mas eles enxergam a gente como favela” (Fragmento de relato do Entrevistado 3).

“Já chegou um ponto que apareceu no jornal que somos o câncer do Leblon, por causa da questão do tráfico. Existem delegacias próxima e que poderiam acabar com isso, mas hoje em dia o mundo não é do jeito que a gente espera. E sempre tem uma brecha para as coisas acontecerem” (Fragmento de relato do Entrevistado 4).

As habitações populares são estigmatizadas por causa do racismo estrutural presente na nossa sociedade, sendo a mídia, uma instituição que desempenha um papel significativo na criação do estereótipo do jovem preto e pobre como potencial criminoso, limitando a percepção desse jovem a uma imagem de violência, como se não tivesse o direito de ser visto de outra forma (Brum & Gomes, 2022; Silva, 2008).

O uso do termo “câncer” evidencia nitidamente a forma que o entrevistado percebe a separação entre o conjunto com o restante do bairro. Esse tipo de termo, relacionado à doença,

<sup>16</sup>Fonte: Jornal O Globo, 27/20/2013, Matutina, Primeira Página.





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

foi historicamente utilizado para designar as favelas cariocas (Gonçalves, 2016), sugerindo uma ideia de que não deveriam existir. Da mesma forma, é comum associar os moradores do conjunto à marginalidade, conforme nos descrevem os entrevistados 2 e 3:

“Por causa do preconceito, as pessoas de fora acham que os moradores da Cruzada são ‘vagabundos’ e não deveriam estar ali. Eu acho que é preconceito, porque as pessoas aqui são pobres e o restante do Leblon tem uma renda per capita alta. A desigualdade social é grande e acredito que a Cruzada hoje é um lugar de resistência aqui no Leblon” (Fragmento de relato do Entrevistado 2).

“Nós somos destacados, porque a Cruzada é vista como favela. A relação não é muito amigável. Quando falam que moram na Cruzada as pessoas já te olham diferente. Mesmo sendo no Leblon. Eles falam que a gente ocupa um espaço do Leblon. Acham que o espaço pertence a eles.” (Fragmentos do relato do Entrevistado 3).

Os relatos dos entrevistados acima corroboram com a fala de Ítalo, professor do Basquete Cruzada, quando o mesmo afirma que a relação entre a Cruzada e o restante do bairro é complicada e são poucas as pessoas que querem uma mudança. Ele ainda destaca que a discriminação está para além da questão de classe social:

“Parece que eles falam que a Cruzada é o câncer do Leblon. Então são poucas as coisas que a gente pode pegar de bom do relacionamento da Cruzada com o Leblon, porque eles têm preconceito e não querem preto do lado. A verdade é que não querem preto e pobre morando perto deles.” (Fragmento do relato da entrevista com Ítalo – professor do Basquete Cruzada).

E em relação a forma como essas discriminações acontecem no cotidiano dos moradores, é possível perceber que ainda que frequentemente praias, mercados, bares, farmácias e estabelecimentos do bairro, são obrigados a conviver com situações originadas pelo racismo estrutural. Os entrevistados 1, 2, 3, 4 e 5 nos trazem relatos sobre suas experiências, aqui destacamos as falas de três deles:

“Às vezes eu vou ali naqueles barzinhos no final do Leblon e o pessoal fica me olhando esquisito. Mas acho que esse é o clima deles. Isso acontece porque a gente mora na Cruzada e porque somos negros. Na Cruzada, 90% das pessoas são negras. E eles olham para a gente achando que vamos fazer alguma coisa” (Fragmento do relato do Entrevistado 1).

“Acho que no Shopping Leblon é mais visível a discriminação. As vezes até tem perseguição dos seguranças” (Fragmento do relato do Entrevistado 2).

“No mercado as vezes tem aquelas madames que se sentem donas do mercado. Passam na sua frente e são grossas. As vezes a gente tá escolhendo algo para comprar e elas nos cutucam e perguntam ‘Você trabalha aqui?’” (Fragmento do relato do Entrevistado 3).

Os relatos acima estão alinhados com o argumento de Almeida (2019) sobre o racismo como elemento que normaliza as desigualdades e, de certa, condiciona a experiência urbana dos entrevistados. Para o autor, “a discriminação racial ocorrida nas relações concretas aparecerá à consciência como algo absolutamente “normal” e corriqueiro” (Almeida, 2019, p. 67).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Outro fator que buscamos analisar foi sobre possíveis abordagens policiais presenciadas pelos moradores, pois compreendemos que a polícia age de forma a coagir ou reprimir pessoas negras, ou seja, a política de segurança é mais uma das faces das práticas racistas em nossa cidade. E os entrevistados 1, 2 e 5 afirmaram ter vivenciado uma ou mais vezes essa situação. Dentre eles, apenas um é do gênero feminino.

“Sim. Várias vezes. Nem todas de forma agressiva, mas algumas sim. É até estranho, porque eu passo todo o dia no metrô e tem o guarda presente ali. Volta e meia eles me param e pedem documento. Todo dia eu passo aqui e o cara quase sempre me para. Acho uma coisa bem nada a ver” (Fragmentos de relato do Entrevistado 1).

“Já fui sim. Uma vez estava voltando da praia com amigos e eu nunca tinha sido parado antes. Mas até que foi tranquilo e nada muito opressor. (risos nervosos) Mas foi muito desconfortável, porque ele parou a gente do nada. Sem motivo nenhum. Mas não chegou a oprimir muito a gente, nem nada assim. Ele só perguntou se a gente estava com documento de identidade e depois deixou a gente ir” (Fragmento do relato do Entrevistado 2).

“Sim. Não me trataram mal, mas queriam que eu contasse coisas que eu não sabia dar a resposta. Queriam saber coisas que nem tinha nada a ver comigo. Mas eu acho que devo ter passado na hora errada” (Fragmento do relato do Entrevistado 5).

Porém, curiosamente, quando perguntados sobre algum episódio de racismo que sofreram no bairro, a maioria dos entrevistados afirmou nunca ter experienciado essa situação, mas que conhecem pessoas próximas que passaram por isso. Isso ocorre por causa da naturalização do racismo na nossa sociedade. Apenas os entrevistados 4 e 5 afirmaram vivenciar o racismo diariamente.

“Já aconteceu e acontece. Muito no mercado. As pessoas só querem entrar, comprar e ir embora, mas já vi uma situação de um segurança negro seguindo uma pessoa negra. Não é uma coisa legal e não dá para entender. Parece que para estar em um diferente patamar também tem que ficar ‘caçando’ outra pessoa negra” (Fragmento do relato do Entrevistado 4).

“Sim, já vivenciei. Quando entro nas lojas, então... (risos nervosos). É o que mais tem. Um dos momentos que a gente mais sofre racismo, eu acho. A gente entrar para comprar e os seguranças ficam andando atrás e fica olhando, bem atrás de você, para ver se vai roubar alguma coisa da loja. Eu não estou dizendo que não tem gente que roube, mas não vou reproduzir só porque alguém da minha cor já fez isso” (Fragmento do relato do entrevistado 5).

A respeito da discriminação, o professor Ítalo do Basquete Cruzada nos relata sobre sua experiência própria enquanto morador:

“Eu mesmo vivencio a discriminação e acredito que é mais pela cor do que por morar na Cruzada. Por exemplo, um garoto branco que mora na Cruzada é estigmatizado, porque ele não anda igual um playboy rico e dificilmente vai andar com uma pessoa branca e rica que mora no Leblon. Você percebe os olhares pela roupa que vestem e como falam, mas é muito pior quando a pessoa é negra” (Fragmento do relato da entrevista com Ítalo – professor do Basquete Cruzada).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Assim, ao buscar compreender os impactos da representação social depreciativa do conjunto para os moradores é possível perceber que a construção das subjetividades dos moradores negros do conjunto é prejudicada pelas formas de distanciamento social e discriminações cotidianas. O racismo impede, assim, uma interação plena e saudável entre os grupos sociais e também garante uma experiência diferenciada de viver a cidade, sendo a população negra constantemente obrigada a estabelecer formas de resistência.

### **Cruzada, lugar de resistência**

A experiência da Cruzada é única na cidade do Rio de Janeiro e significou o último resquício da enorme população das favelas do entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas no Leblon. Pela constituição racial da população da Cruzada, a sua população se manifesta literalmente como um ponto negro<sup>17</sup> em uma vasta área ocupada majoritariamente por uma população branca.<sup>18</sup> As particularidades da constituição histórica da Cruzada, da origem da sua população e sua composição racial, consolidaram uma forte identidade local, como foi identificado durante as entrevistas que realizamos.

Ainda que os jornais apontem uma mudança no perfil socioeconômico dos moradores da Cruzada e um processo de “aburguesamento” do conjunto, os entrevistados afirmam que a maioria das pessoas que ali residem são “nascidas e criadas”.

A permanência das novas gerações das famílias fundadoras no conjunto habitacional demonstra uma forma de resistir as práticas segregacionistas que “definiram” um padrão em que os lugares com infraestrutura e lazer são destinados apenas a população branca. Os moradores entram em consenso ao afirmar que gostam de residir na Cruzada por causa dos fortes laços familiares e também pela acessibilidade urbana.

“Eu morei aqui desde quando era criança, desde quando nasci. Teve um tempo que sai daqui e fui morar em São Paulo durante 2 anos e depois voltei para Cruzada com sete anos e desde então nunca mais sai.[...] A minha família é cria daqui, é fundadora e moravam antes na Praia do Pinto. [...] Eu gosto de morar aqui, da acessibilidade, da segurança. É perto de tudo” (Fragmento do relato do entrevistado 1)

<sup>17</sup> O termo faz referência ao Mapa Racial em Pontos elaborado pelo geógrafo Hugo Gusmão.

<sup>18</sup> Segundo a Cultne.TV, canal de televisão brasileiro dedicado à cultura negra, a Cruzada São Sebastião é vista como um quilombo na zona sul da cidade. O conjunto foi palco do evento “Grito de Liberdade da Cruzada São Sebastião em 1988, que fez parte das comemorações do Centenário da Abolição da Escravatura e destacou a luta do Movimento Negro para preservar a memória de Zumbi dos Palmares. Ver: <<https://acervo.cultne.tv/movimentos-sociais/movimento-negro/104/movimento-negro-contemporaneo/video/1039/i-grito-de-liberdade-da-cruzada-sa-o-sebastiao>> Acesso em maio de 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

“Eu acho que é perto de tudo, uma boa localização e grande parte da minha família mora lá. Tenho família em vários blocos da Cruzada. Meus pais são nascidos e criados lá” (Fragmento do relato do entrevistado 2)

“Tem seus prós e contras como em qualquer lugar, mas gosto de morar aqui, porque é um lugar de fácil acesso, tem tudo perto. Se alguém precisar de algo relacionado a saúde, hospital é perto. (Fragmento do relato do entrevistado 3)

O entrevistado 2, por exemplo, nos afirmou que a Cruzada é um lugar de resistência no Leblon, ressaltada pelo entrevistado pelo fato da permanência das segundas e terceiras gerações de famílias fundadoras do conjunto em um bairro extremamente elitizado da cidade. Compreendemos que a identidade local e as diferentes formas de resistência encontradas pelos moradores do conjunto se explicam como resposta às representações negativas e às diferentes formas de discriminação ali vivenciada. Observa-se, assim, a criação de estratégias plurais para enfrentamento de tais adversidades.

As formas de resistência social são “práticas que desordenam a ordem” (Chauí, 1986, p. 178), ou seja, que questionam e recusam a ideia de história única elaborada pelo grupo dominante. E as resistências dos moradores de favela e de habitações populares em geral são plurais, sejam de cunho individual ou coletivo. De qualquer forma, são dotadas de criatividade e de intenção de construir novos sentidos e significados para uma realidade imposta a esses moradores (Ferreira, Reis & França, 2015). Dentre as estratégias de resistência da população negra na cidade estão as mobilizações sociais, os movimentos organizados, as práticas que valorizam a cultura afro-brasileira, a arte, o esporte, as religiões de matriz africana, e até mesmo os arranjos feitos para garantir a própria existência/sobrevivência daqueles que são cotidianamente discriminados e oprimidos pelo sistema patriarcal-racista-capitalista. (Madeira & Gomes, 2018)

Nas entrevistas, buscamos informações sobre os possíveis movimentos ou organizações de moradores ativos na Cruzada São Sebastião e os relatos, em unanimidade, trouxeram a importância dos projetos sociais criados pelos e para os próprios moradores do conjunto. Podemos destacar, por exemplo, a atuação do projeto Basquete Cruzada<sup>19</sup>.

“Nós temos o Basquete Cruzada. Antes podia ser apenas sobre basquete, mas hoje é algo muito maior. Acredito que o projeto é uma forma de resistência aqui” (Fragmento do relato do Entrevistado 2).

---

<sup>19</sup> O Projeto Social Basquete Cruzada foi fundado em 1998 e disponibiliza atividades esportivas, culturais e de entretenimento as crianças e adolescentes que residem no conjunto habitacional Cruzada São Sebastião com a intenção de promover o exercício da cidadania e reduzir a situação de vulnerabilidade social dos jovens. Ver: <<https://basquetecruzada.org.br/>>. Acesso em: maio de 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

“Aqui nós temos aulas de música, de esporte, cursos. Nós temos projetos sociais como o Basquete Cruzada que trazem vantagens para as crianças, mas não é tão mencionado nos jornais.” (Fragmento do relato do Entrevistado 3)

“Nossos projetos sociais são muitos. Acredito que são divulgados nas redes sociais, mas muitas pessoas deixam de conhecer por causa do preconceito. Eles acham que aqui é perigoso e não passam na rua e não é assim. Temos muitas possibilidades aqui.” (Fragmento do relato do Entrevistado 4)

Podemos observar que as práticas de resistência dos moradores têm relação com a busca por novos significados e representações sobre o conjunto habitacional (Araújo, 2021). Assim como os moradores entrevistados, a Associação de Moradores e o professor do Basquete entram em concordância ao afirmar a necessidade de minar a desinformação ao ressaltar elementos positivos da Cruzada e as famílias que ali residem. Demonstrando que as representações negativas sobre o conjunto são responsáveis pela constante necessidade de reafirmar o lugar de pertencimento e aspectos valorativos dos moradores.

“Algumas Associações no entorno, como a Selva de Pedra, a Ama Ipanema e Ama Leblon apoiam a comunidade. Hoje podemos dizer que eles defendem a gente e conhecem a maioria dos líderes da comunidade. Eles reconhecem que na Cruzada existem mais pessoas boas do que ruins. Eles sabem que o tráfico e a droga não estão somente dentro da comunidade, mas está presente no Rio de Janeiro inteiro. A comunidade é carente, mas os moradores são pessoas trabalhadoras, que estudam, que formam e tem representatividade ali fora. Nós temos advogados, médicos e vários outros profissionais. Então acredito, que apesar do preconceito, hoje tem gente que olha diferente” (Fragmentos entrevista com Raquel Moreira – Presidente AMORABASE).

“Na Cruzada tem projeto de futebol que mexe com o social também. Tem projeto de Judô e Jiu-jitsu com uma base que ajuda a garotada a se manter ocupada e estar fazendo esporte. Também tem alguns projetos da Igreja, aulas de música e outras coisas” (Fragmento de relato do Ítalo- professor do Basquete Cruzada).

Além disso, os moradores buscam intervir nos efeitos da desigualdade social ao distribuírem cestas básicas, promoverem cursos profissionalizantes e práticas esportivas pra jovens. É evidente que algumas ações são pontuais, pois contam com a arrecadação de verbas e instabilidade de parcerias.

### **Considerações finais**

O artigo parte de um esforço de pensar as desigualdades urbanas para além da ótica de classe social, buscando contribuir para o debate sobre os impactos do racismo para a população negra que reside em habitações populares e favelas. A vivência na cidade, a partir de uma perspectiva interseccional, é experienciada de forma diferente pelos cidadãos de acordo com seu gênero, raça e grupo social, sendo possível identificar aqueles que podem viver suas subjetividades e ter sua liberdade e aqueles que são obrigados a estabelecer formas de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

resistência para sobreviver em uma sociedade que precariza constantemente suas condições de vida.

Priorizamos aqui a reflexão sobre os moradores da Cruzada São Sebastião à partir dos aspectos raciais e sociais. Ao analisarmos os acervos digitais dos jornais O Globo e Extra nos últimos 20 anos, identificamos as formas de representações preconceituosas impostas aos moradores da Cruzada São Sebastião. Os problemas de violência do bairro do Leblon são frequentemente atribuídos genericamente aos moradores do conjunto, retratando o conjunto habitacional como local de criminalidade e violência. Como identificamos, essas representações negativas impactam o cotidiano dos moradores do conjunto, influenciando diretamente as formas de sociabilidade ao reforçar a presença de uma barreira simbólica entre os moradores do conjunto e do restante do bairro. Os relatos dos moradores e análises de jornais nos evidenciam como são apresentadas as formas de discriminação do conjunto e de seus moradores. Constatamos, por fim, que a construção das subjetividades dos moradores negros do conjunto é prejudicada pelas formas de distanciamento social provenientes do racismo.

## Referências

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural: feminismos plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO, E. P. A resignificação do estigma como um ato de resistência no movimento de mães contra a violência policial. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 25, n. 1, 2021.

BRUM, M. S. **Cidade Alta: história, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.

BRUM, M. S.; GOMES, A. Favela e a questão étnico-racial: a gênese do apartheid urbano brasileiro. In: GONCALVES, R; BRUM, M. S.; AMOROSO, M. (Orgs.). **Pensando as favelas cariocas**. v. 2. História e Questões urbanas. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Pallas, 2022, p.189-214

BRUM, Mário, Favelas e remocionismo ontem e hoje:: da Ditadura de 1964 aos Grandes Eventos. **O Social em Questão**, [s. l.], v. Ano XVI, ed. nº 29, 2013, p.179-208.

CAMPOS, A. **Do quilombo à favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAMPOS, Lohana Ribeiro, “É mais pela cor, mas também é o lugar”: As faces do racismo na cidade do Rio de Janeiro através da vivência dos moradores da Cruzada São Sebastião. Rio de Janeiro, 2023. 104 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

CANEGAL, A. C. Fronteira urbana: uma discussão sobre a relação entre a Cruzada São Sebastião e o Leblon. *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 81-114, jul./dez. 2010..

CHAUÍ, M. S. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FERREIRA, J. F.; REIS, M. L. C.; FRANCA, T. S. A busca de um conceito: resistências sociais (Uma abertura da crise). In: BAICHAMAN, A. (Org.). **Lutas, experiências e debates na América Latina**: Anais das IV Jornadas Internacionais

GONÇALVES, R. S. **Favelas do Rio de Janeiro: história e direito**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

LEITE, Márcia. Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação”: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 374–388, 2012. DOI: 10.31060/rbsp.2012.v6.n2.126. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/126>. Acesso em: 23 maio. 2024.

LIRA, J. T. C. O urbanismo e o seu outro: raça, cultura e cidade no Brasil (1920-1945). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 1, p. 47, 1999.

MADEIRA, Z; GOMES, D. D. O. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 133, p. 463-479, set./dez. 2018.

MOURA, C. Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 14, 1983.

MUNANGA, K. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, v. 12, p. 169-203, 2010.

OLIVEIRA, R. J. Segregação racial, territórios negros e saúde mental. **Revista ODEERE**, v. 2, n. 4, p. 84-109, 2017.

OLIVEIRA, R. J. Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela. São Paulo, 2008. 330 p. Dissertação (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

PANTA, M. A. S. Relações raciais e segregação urbana: trajetórias negras na cidade. Marília, SP, 2018. 300 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de

ROLNIK, R. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 17, p. 1-17, 1989.

SABINO DE SOUZA, Cristiane Luiza; TELES, Heloísa. Pressupostos para uma análise histórico-estrutural da questão social no Brasil. **Temporalis**, [S. l.], v. 21, n. 42, p. 44–61, 2021. DOI: 10.22422/temporalis.2021v21n42p44-61. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/36842>. Acesso em: 23 maio. 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 99-133.

SILVA, T. B. A questão habitacional e seus agentes: um estudo sobre os conjuntos Cruzada São Sebastião e Cidade Alta. Rio de Janeiro, 2013. 53 p. TCC (Especialização em Política e Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, T. B. **A cruzada são sebastião e as suas transformações:** Os efeitos da valorização imobiliária local. Rio de Janeiro, 2017. 117 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:  
<<http://objdig.ufrj.br/42/teses/884634.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2022.

SIMÕES, S. S. Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro. Niterói: UFF, 2008.

SLOB, B. Do barraco para o apartamento – a humanização e a urbanização de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro. Universidade de Leiden, Holanda, 2002.

VALLADARES, L. P. **A invenção da favela: do mito de origem à favela. com.** Rio de Janeiro, FGV, 2005. 204p.